



## O GÊNERO LITERÁRIO FANTÁSTICO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E LEITURAS DE OBRAS ESTRANGEIRAS E BRASILEIRAS

SILVA, Luis Cláudio Ferreira, PG, UEM, [luismaringa@hotmail.com](mailto:luismaringa@hotmail.com)  
LOURENÇO, Daiane da Silva, PG, UEM, [dailourenco4@hotmail.com](mailto:dailourenco4@hotmail.com)

Desde os tempos mais remotos, o ser humano convive com fenômenos que, por muitas vezes, são inexplicáveis segundo as leis naturais. Mitos ou fatos, tais acontecimentos intrigaram e ainda intrigam várias sociedades e culturas. Histórias, contos, relatos e lendas mexem com o imaginário do homem, que, incessantemente, busca explicações para aquilo que não consegue entender.

Essas histórias que afloram na mente do ser humano são preservadas ao longo do tempo e se tornam imortais. Recorrendo aos mitos europeus, podemos citar o já conhecido panteão grego, com deuses e titãs dotados de poderes que extrapolam as leis tais como conhecemos. No extremo oriente, temos a milenar China, com seus dragões e suas simbologias; ou, trazendo nosso foco para as Américas, podemos citar o México e a sua cultura ligada à morte, além do próprio Brasil onde os mitos folclóricos, tais como o Boi Bumbá, Iara, Saci-Pererê, a Mula Sem-Cabeça, a Caipora, o Curupira, foram preservados até os dias atuais, e são conhecidos por boa parte da população brasileira. Todas estas histórias estão cercadas de acontecimentos inexplicáveis, ou sobrenaturais.

Sendo tais mitos tão latentes nas culturas, a Literatura, bem como as artes no geral, não poderia deixar de lado as temáticas que envolvem os mistérios que rondam o imaginário humano. Há inúmeros contos e romances que trabalham essa questão do inexplicável, e, mesmo não intencionalmente, as lendas estão inseridas em inúmeras obras. Dentro da teoria literária moderna, surgiu uma vertente de análise e reflexão acerca do tema: é a Literatura Fantástica.

Este trabalho pretende apresentar, de forma breve, as principais características do gênero fantástico a partir do século XX, pois anteriormente sua intenção era causar medo no leitor. E, ainda, estudar a presença de tais características em obras de escritores importantes para a literatura mundial. Para tanto, um recorte foi necessário, visto que, apesar de ser um gênero pouco conhecido, diversos escritores podem ser citados como relevantes na produção de literatura fantástica na América Latina, como Gabriel Garcia Marquez, Isabel Alende, Alejo Carpentier, Julio Cortázar, José Luís Borges, J. J. Veiga, dos quais alguns se dedicaram ao realismo fantástico, gênero muito próximo ao fantástico, dentre os quais, neste artigo, não nos cabe fazer a distinção. Nosso estudo, portanto, será focado em obras de Edgar Allan Poe, José Saramago, Ruan Rulfo e Murilo Rubião.



## O GÊNERO FANTÁSTICO

O fantástico teve suas origens em romances que exploravam o medo, o susto, porém, ao longo dos séculos, foi se transformando até chegar ao século XX como uma narrativa mais sutil. Volobuef (2000, p.109) afirma que tal gênero abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas temáticas mais complexas. Devido a isso, a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social. Assim, o gênero fantástico deixou de ser apenas narrativa de entretenimento, pois “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia-a-dia” (VOLOBUEF, 2000, p.110).

Há diversas opiniões acerca do surgimento do gênero fantástico. De acordo com Rodrigues (1988), a maioria dos estudiosos considera o nascimento do fantástico entre os séculos XVIII e XIX, tendo seu amadurecimento ocorrido no século XX.

Paes (1985) afirma que os primórdios da literatura fantástica ocorreram no século XVIII, na França. Considerado a época das luzes, o século XVIII foi marcado pelo racionalismo, motivo pelo qual os filósofos questionaram superstições, idéias irracionais, até mesmo os dogmas indiscutíveis da fé. A própria religião, em meio à onda racionalista, passou a examinar minuciosamente os milagres alegados pela população. Para o autor, a literatura fantástica apareceu para contestar o racional, “(...) fazendo surgir, no seio do próprio cotidiano por ele [racional] vigiado e codificado, o inexplicável, o sobrenatural – o irracional, em suma” (p.190). Portanto, o questionamento da religião teria propiciado a “quebra do racional” pelo fantástico.

Segundo Coalla (1994, apud VOLOBUEF, 2000, p. 111), o fantástico atravessou diferentes fases durante os séculos: no final do século XVIII e início do XIX, o gênero exigia a presença do sobrenatural, estando presentes monstros e fantasmas; no século XIX, passou a explorar o psicológico, inserindo nas narrativas a loucura, alucinações, pesadelos para mostrar a angústia no interior do sujeito; no século XX, o fantástico passou a criar incoerência entre elementos do cotidiano. Dessa forma, é possível notar que o gênero fantástico não é estanque, está sempre evoluindo e aproximando-se de temas cada vez mais críticos. No entanto, sua característica mais importante é a aceitação dos fatos inexplicáveis pelo leitor como se fossem reais.

Muitos trabalhos sobre a literatura fantástica já foram publicados no último século, quando esse gênero ganhou mais destaque, porém a publicação da obra *Introdução à*



*Literatura Fantástica*, de Tzvetan Todorov, iniciou as discussões sistematizadas sobre o fantástico e é, por isso, considerada essencial para o estudo do mesmo.

Antes de falar sobre o fantástico, o autor esclarece que o mesmo deve ser entendido como um gênero literário. De acordo com Todorov (2004), a essência desse gênero consiste na irrupção, em nosso mundo, de um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis racionais. É nesse momento que surge a ambigüidade, a incerteza diante de um fato aparentemente sobrenatural. O sentimento de dúvida causado no leitor permite a aparição do fantástico.

Como o fantástico só existe na hesitação, quando o leitor ou a personagem encontram uma explicação para os fatos inexplicáveis o efeito do fantástico desaparece, o que para o teórico sempre deve ocorrer no final da narrativa, posicionamento por vezes contestado já que algumas narrativas contemporâneas mantêm a hesitação até o final. Se o leitor decide explicar os fenômenos por meio de leis da realidade (coincidência, sonho, loucura, drogas, etc), a obra então pertence ao gênero estranho. “Se, ao contrário, ele decide que se deve admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero maravilhoso” (TODOROV, 1970, p. 156), como ocorre nos contos de fada, nos quais os animais e as plantas podem falar, e outros fatos também são aceitos pelo leitor. Diante de tais proposições, o autor apresenta sua definição para o fantástico com três condições a serem preenchidas:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, a hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem (...). Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética” (TODOROV, 2004, p. 39).

Apenas a segunda condição formulada pode ou não ser atendida, enquanto as outras são de necessária importância. A hesitação do leitor sempre ocorre, já a terceira condição depende inteiramente do mesmo. A leitura não pode ser feita buscando um outro sentido para as palavras, alegórica; e nem considerando as palavras ao pé da letra, poética.

Essa terceira condição é hoje questionada, pois diversos estudos voltam-se à importância do leitor e as diversas recepções que um texto literário pode ter. Uma narrativa fantástica pode ser lida como alegórica ou poética, sem restrições. Por isso, nossa pesquisa se baseia apenas nas duas primeiras condições.

Os estudiosos do gênero fantástico enfatizam a oposição existente no interior das narrativas entre o real e o irreal. Goulart (1995) o denomina *antinômico*, combinando a irrealidade ao realismo, “o insólito e o estranho ocorrem no universo familiar, e o cotidiano



se caracteriza pela mistura do desconhecido com o conhecido”. Para o autor, é a fluidez das fronteiras entre o natural e o sobrenatural que torna aceitáveis as situações insólitas, por isso tanto as personagens quanto o leitor não questionam os fatos. E é ainda pelo mesmo motivo que “a obra fantástica privilegia o acontecimento em si e não o comportamento das personagens”.

A falta de compreensão da realidade contida na narrativa é o que origina o fantástico, segundo Volobuef (2000). Para a autora, o leitor, à princípio, sente-se desorientado, pois são deixadas lacunas no texto, não há explicações ou justificativas para os acontecimentos. “O texto realiza uma espécie de jogo com a verossimilhança”. Dessa forma, surge a incerteza em meio a um ambiente antes considerado familiar (nosso cotidiano), e aparece o fantástico. Por conter enredos complexos e tratar de temas críticos, Volobuef afirma que esse gênero “ultrapassa as fronteiras da literatura trivial”.

Paes (1985), no artigo *As dimensões do fantástico*, faz algumas afirmações acerca do fantástico, considerando-o um fato inteiramente oposto às leis do real e às convenções do normal que ocorre no mundo da realidade. O fato sobrenatural, portanto, afeta o leitor por ocorrer em meio ao cotidiano, colocando-o em dúvida.

Na América Latina, uma corrente chamada Realismo Mágico ou Realismo Fantástico surgiu em meados do século XX como um modelo fantástico latino-americano que apresenta diferenças em relação à corrente fantástica européia. Irlemar Chiampi é um teórico referência nesta teoria. Diz ele que

O fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu “possível” é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor, nada além da incerteza. A falácia das probabilidades externas e inadequadas, as explicações impossíveis – tanto no âmbito do mítico – se constroem sobre o artifício lúdico do verossímil textual, cujo projeto é evitar toda asserção, todo significado fixo. O fantástico “faz da falsidade o seu próprio objeto, o seu próprio móvil” (CHIAMPI, 1980, p. 56).

Alguns elementos fazem parte da normalidade para as personagens, tornando “reais” situações que, diante das leis tais como conhecemos, seriam consideradas situações sobrenaturais.

Ao contrário da “poética da incerteza”, calculada para obter o estranhamento do leitor, o realismo maravilhoso desaloja qualquer efeito emotivo de calafrio, medo ou terror sobre o evento insólito. No seu lugar, coloca o encantamento como um efeito discursivo pertinente à interpretação não antitética dos componentes diegéticos. O insólito, em óptica racional, deixa de ser o “outro lado”, o desconhecido, para incorporar-se ao real: a maravilha é(está) (n)a realidade. Os objetos, seres ou eventos que no fantástico exigem a projeção lúdica de suas probabilidades externas e inatingíveis de explicação, são no realismo



maravilhoso destituídos de mistério, não duvidosos quanto ao universo de sentido a que pertencem. Isto é, possuem probabilidade interna, têm causalidade no próprio âmbito (CHIAMPI, 1980, p. 56).

## O FANTÁSTICO NAS OBRAS DE EDGAR ALLAN POE

Escritor estado-unidense, que viveu no século XIX, poeta e romancista, Poe é considerado um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Suas obras suscitam o medo e o terror no leitor, do início ao fim.

As obras mais conhecidas de Poe são consideradas góticas, pois os temas recorrentes estão relacionados à morte e ao luto. Em geral, suas obras atendem aos interesses da maioria dos leitores de sua época. Todorov (2004), apesar de ter focado seus estudos na literatura européia, afirma que Poe está próximo dos autores do fantástico, mas situa suas narrativas no estranho ou no maravilhoso, conceitos que criou. Nos ateremos, apenas, a explicitar características fantásticas na obra do escritor.

“O gato preto” é um de seus contos mais conhecidos, cujo título, na tradição ocidental, está relacionado a azar, a maldição, bruxaria. O início da narrativa já questiona a veracidade dos fatos, e a hesitação entre o real e o sobrenatural é imposta.

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando (POE, 1981, p. 142).

Por ser narrado em primeira pessoa, o leitor é conduzido a acreditar no narrador, porém o próprio narrador provoca a incerteza. Enfatiza sua docilidade quando criança e o quanto gostava de animais. Passa então a contar sobre seu casamento, e como sua esposa também apreciava animais. Então, diz que um dia tomaram posse de um gato preto chamado Plutão, deus do inferno na mitologia grega. Com o decorrer do tempo, as atitudes do narrador mudam: “Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais descuidoso dos sentimentos alheios”. A embriaguez fez com que maltratasse a todos, até mesmo ao gato. A impressão do leitor é de que o gato o persegue, como se fosse uma feiticeira. O narrador, em um impulso, arranca um olho do gato e o enforca. Após a morte do animal, a casa do narrador-personagem pega fogo e apenas uma parede permanece intacta, na qual aparece a imagem do gato com a corda em torno do pescoço. Em uma taberna o narrador-personagem encontra outro gato preto, que com o tempo percebe ter uma marca no pescoço parecida com a marca de corda que ficou no pescoço de Plutão e lhe falta um olho. Ao tentar assassinar o gato, o narrador mata sua esposa. Para esconder o corpo, o deposita



em uma parede. Quando os policiais encontram o corpo, o gato estava acima da cabeça da mulher, porém o narrador não o havia enterrado junto com sua esposa. A hesitação do conto é ainda maior no final da narrativa, pois não há explicações para os fatos: o narrador estava bêbado e não percebeu que enterrou o gato ou o gato era na verdade uma feiticeira?. Pois o narrador no início do conto apresenta a crença de sua esposa de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas.

Outros contos escritos por Poe também apresentam características fantásticas e que possibilitam a hesitação. O fato de todos serem escritos em primeira pessoa faz com que a hesitação seja ainda maior, pois o leitor não questiona a veracidade dos fatos, mas se vê diante de eventos sobrenaturais.

## O FANTÁSTICO NAS OBRAS DE JOSÉ SARAMAGO

Nascido em Azinhaga, e formado Engenheiro Mecânico, o português José Saramago é o primeiro e único escritor de língua portuguesa a ser premiado com o Prêmio Nobel de Literatura, concedido em 1998. Dotado de uma visão particular do mundo e de um estilo narrativo que exclui grande parte de sinais de pontuação – estilo iniciado com a publicação de *Levantado no Chão*, primeiro livro de grande projeção de sua carreira – Saramago ficou conhecido mundialmente com a publicação, em 1982, de *Memorial do Convento*.

Além da linguagem peculiar, Saramago criou uma narrativa quase alegórica, possuindo elementos da Literatura Fantástica. A frase “e se...” parece fazer parte do mote que fomenta suas histórias, fazendo com que o improvável ou o sobrenatural ajam na vida cotidiana. *Memorial do Convento*, seu grande *Best Seller*, mostra a história de uma mulher, Blimunda que possui uma visão atípica: sem fazer o desjejum todas as manhãs, ela possui o poder de ver as pessoas interiormente, não somente seus físicos, mas também suas vontades e desejos. Em *Ensaio Sobre a Lucidez*, uma continuação do célebre *Ensaio Sobre a Cegueira*, vê-se a população de uma cidade em massa, sem campanha nem organização mútua, votar em branco nas eleições municipais. *Jangada de Pedra* conta a saga da Península Ibérica que, após uma cisão com o resto da Europa a partir dos Pirineus, passa a andar des governada pelo Oceano. *O Ano da Morte de Ricardo Reis* conta a trajetória do heterônimo pessoano, um ano depois da morte de seu ortônimo, descontente com Portugal, e que se transfere para o Rio de Janeiro. Todos esses romances, a seu modo, tem elementos fantásticos, situações inusitadas, inexplicáveis, ou mesmo, indo além das leis as quais conhecemos, sobrenaturais. Contudo, escolhemos para o trabalho outro romance que tem fortes elementos fantásticos: *Ensaio Sobre a Cegueira*.



O romance narra a história de uma cegueira branca, diferente da cegueira normal, a negra, que atinge praticamente toda a população de uma cidade não identificada. O primeiro a ser atingido estava dentro de seu automóvel, parado no semáforo, esperando a abertura do mesmo para prosseguir viagem.

O sinal verde ascendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer [...] Alguns condutores já saltaram para a rua, dispostos a empurrar o automóvel empanado para onde não fique estorvando [...] o homem que está lá dentro vira a cabeça para eles, a um lado, a outro, vê-se que grita qualquer coisa [...] Estou cego (SARAMAGO, 2007, p. 11-12).

*Vejo tudo branco, senhor doutor* (SARAMAGO 2007, p. 22) é o que disse o primeiro cego ao oftalmologista, que, após vários exames constata que: *Não encontrou nada na córnea, nada na esclerótica, nada na íris, nada na retina, [...] nada no nervo óptico, nada em parte alguma* (SARAMAGO 2007, p. 23), ou seja, uma cegueira inexplicável.

Pouco depois, já em sua casa, ao estudar o caso da misteriosa cegueira, o médico oftalmologista fica cego, e é levado pelo governo, juntamente com sua esposa que não cegara (aliás, a única que não cega, mas finge assim estar para acompanhar o marido), a um abrigo, um antigo manicômio, onde todos os doentes do mal branco ficariam isolados até segunda ordem. O que parece ser uma boa saída torna-se algo insuportável. Os casos na cidade se multiplicam e o governo não sabe como proceder, e vai depositando todos os cegos em uma ala do manicômio, e na outra, todos os suspeitos de contágio. Além de terem de comer e fazer necessidades básicas sem enxergar, os internos têm que conviver com o fato de o abrigo receber cada vez mais cegos que vão, passo a passo, entrando em conflito, desde a disputa por um lugar na cama, passando pela quantidade de comida destinada a cada um, e chegando à absurda exploração sexual das mulheres em uma das alas. A Mulher do Médico, com sua visão intacta, torna-se a protagonista da história, auxiliando a maioria na suas necessidades como cuidar dos doentes, dar banho nas mulheres e guiar os outros até o banheiro.

Após algumas semanas em quarentena, os cegos conseguem sair do exílio após uma explosão provocada por alguns revoltosos, e encontram as ruas fétidas e quase sem sinal de vida. O grupo formado pelos primeiros cegos – inclui-se aí o Médico, o Primeiro Cego entre outros – encontra abrigo na casa do Médico, e passam a procurar comida por toda a cidade. Ao cabo da aventura, pouco a pouco, os cegos vão voltando a ver, e assim termina a narrativa.

Com efeito, não se pode descartar totalmente a possibilidade de uma epidemia de doença desconhecida. Há inúmeros casos na história da humanidade em que doenças, até



então desconhecidas, assolaram os povos, a saber, Peste Negra, inúmeras mutações da Gripe, Ebola, Malária, entre outros. Por mais remota que seja a possibilidade de acontecer tal fato, ela não pode ser totalmente excluída. Apesar do avanço da medicina, doenças novas sempre aparecem, e outras, já conhecidas e dadas como erradicadas reaparecem, muitas vezes se transmutando. Poder-se-ia vir a ter, então, uma doença que afete os olhos e que de certa forma possa ser contagiosa. Logo, tal acontecimento não está de todo descartado. Contudo, mais inquietante do que o fato da cegueira geral é o fato de apenas uma pessoa criar imunidade e não cegar diante de uma população mundial toda cega.

Inquietante ou não, permanecendo com a dúvida ou não até o fim, explicando racionalmente ou aceitando novas leis naturais para explicar os fatos, é evidente que tais acontecimentos dialogam com os elementos fantásticos. E os elementos do fantástico seriam, em sua obra, muito mais próximos daquele Realismo Mágico latino americano teorizado por Chiampi:

O realismo mágico, na sua configuração, viola esses padrões realistas de representação literária, ao tornar naturais os elementos sobrenaturais. Essa categoria literária se diferencia assim da ficção fantástica, que utiliza a incerteza e a ambigüidade para envolver o leitor num ambiente de mistério, inexistente no realismo mágico, em que não há hesitação, uma vez que os eventos considerados irrealis fluem naturalmente (LOPES, 2008, p. 382).

## O FANTÁSTICO NAS OBRAS DE JUAN RULFO

Juan Rulfo é quase desconhecido no Brasil, mas é um dos grandes nomes da literatura mexicana. Contudo, produziu muito pouco no que tange à quantidade de livros, mas produziu intensamente. Além do livro de contos *Chão em Chamas*, Rulfo também escreveu o romance *Pedro Parámo* que continua até os dias de hoje como um dos grandes romances latino-americanos.

O romance de Juan Rulfo apresenta outros tempos além do tempo cronológico. Existe tempo para além do mundo físico, de onde vêm e para onde vão as personagens. Não é possível, portanto, estabelecer com precisão a ordem dos fatos. Fábula e trama, portanto, não possuem contornos definidos. Entretanto, passaremos, agora a discorrer sobre as relações entre as personagens, o que permitirá a organização de certos (de certos e não de todos) eventos.

A maior parte do romance *Pedro Parámo* se passa em um pequeno vilarejo chamado Comala situado no interior de Jalisco, no México. É para este vilarejo que o narrador/personagem Juan Preciado parte no início da narrativa, para satisfazer um desejo de sua mãe, que pediu em seu leito de morte que o filho fosse a Comala à procura de seu pai, Pedro Parámo, a fim de cobrar-lhe a herança. Em sua jornada, Juan Preciado encontra





uma Comala morta, onde conhece amigos e conhecidos de sua mãe. Através dos personagens é que conhecemos a história da cidade: eles contam em analepses os episódios que marcaram a história de Comala. É através destes depoimentos e relatos que conhecemos Pedro Páramo, um homem de posses que impunha suas leis ao povo da cidade. Ao longo da narrativa ficamos sabendo que Comala fora um dia uma cidade próspera, mas que sucumbiu diante da indiferença de seu “dono” Pedro Páramo, que após a morte de um de seus filhos deseja que Comala também morra.

São muitas as pequenas histórias que se revelam ao leitor ao longo do romance, entretanto, o ponto mais interessante é a dúvida que acompanha o leitor em todo o texto: quem está morto e quem está vivo?

A linha que separa vivos e mortos no romance é muito tênue e constantemente temos a impressão de não saber se estamos lidando com uma personagem morta ou viva, chegando a descobrir que o próprio narrador está morto, para a nossa e para a sua surpresa.

Como o senhor sabe, não é fácil ajeitar tudo num dois-por-três. Para isso é preciso andar prevenido, e sua mãe só me avisou agora.

- Minha mãe – eu disse -, minha mãe já morreu.

- Com razão a voz dela estava tão fraca, como se tivesse precisado atravessar uma distância muito grande até chegar aqui. Agora eu entendo. E morreu faz quanto tempo?

- Já faz sete dias (RULFO: 2009, p. 22).

As pessoas morrem e continuam a atuar dentro do mundo dos vivos. A idéia de uma manutenção de corpo/pensamento/consciência na pós-vida dentro do mesmo plano dos vivos é um fato que rompe com as leis tais quais conhecemos. Ora, as religiões acreditam em vida pós-morte, contudo, esta vida se passa em outro plano. Em *Pedro Páramo* não há divisão tangível entre vida e pós-vida.

## O FANTÁSTICO NAS OBRAS DE MURILO RUBIÃO

Até o início do século XX, a literatura brasileira não havia apresentado importantes obras fantásticas. O florescimento do gênero fantástico em nosso país, de acordo com Rodrigues (1988), ocorreu por volta dos anos 40, contudo Machado de Assis já havia utilizado elementos sobrenaturais em uma de suas obras do século XIX: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, assim como Aluísio Azevedo, Mário de Andrade (*Macunaíma*), Monteiro Lobato, Raul Bopp (*Cobra Norato*) e Guimarães Rosa também os empregaram em algumas narrativas. O uso do fantástico de uma forma mais elaborada, porém, ocorreu no conto e Murilo Rubião é considerado seu precursor, com a publicação em 1947 do livro *O Ex-Mágico*.



Nascido no dia primeiro de julho de 1916, em Carmo de Minas, Minas Gerais, Murilo Eugênio Rubião é o primeiro contista do gênero fantástico na literatura brasileira. Sua obra, com a primeira publicação em 1947 de *O Ex-Mágico*, permaneceu desconhecida por algumas décadas, mas ganhou reconhecimento com *O Pirotécnico Zacarias* (1974).

O modo como emprega o fantástico em seus contos causa perplexidade nos leitores, contudo o mais impressionante é a forma como os fenômenos sobrenaturais são aceitos no decorrer da leitura como se fossem reais. Segundo Goulart (1995), o sobrenatural está presente também na elaboração das obras de Murilo Rubião, considerada pelo crítico grande e pequena ao mesmo tempo. Isso porque, considerando apenas os livros, sua obra consta de oito livros, com 89 contos. Seria um número considerável, contudo dos contos citados, apenas 32 são originais. Os outros são republicações que o autor fez, chegando a haver livros somente com republicações. Quando questionado sobre o assunto, o autor disse: “Reelaboro a minha linguagem até a exaustão, numa busca desesperada pela clareza, para tornar o conto o mais real possível. Com a linguagem mais depurada, a intriga flui naturalmente<sup>1</sup>”. O escritor, a cada nova publicação, alterava os contos, às vezes modificando-os muito.

Em seus contos, a personagem e o leitor experimentam a mesma curiosidade face aos fatos insólitos. O fantástico tem uma função nos contos, “o elemento extraordinário não se limita apenas a uma experiência de leitura prazerosa para efeitos de distração do leitor, mas assume uma função eminentemente crítica” (SCHWARTZ, 1982). É um artifício para tratar de problemas da nossa realidade. Cria “(...) uma sensação de ‘estranhamento’ que o exagero das situações provoca no leitor, levando-o a ‘descobrir’ aquilo que, embora à frente de seus olhos, até então não reparara” (HOHLFELDT, p. 104, 1981). O exagero apresentado é para chamar atenção a uma questão social em específico, a fim de que o leitor ultrapasse o nível ingênuo de leitura.

Os contos rubianos ainda têm uma outra característica relevante, todos apresentam uma epígrafe, passagens bíblicas retiradas do Velho Testamento. Em análises já realizadas (SCHWARTZ, 1981; GOULART, 1995) estudiosos constataram que há uma relação intrínseca entre epígrafes e contos, como se previssem o que será dito a seguir e, depois de lidas com maior atenção, podem esclarecer a idéia central do conto.

Seu conto “A cidade” tem como personagem principal Cariba, um passageiro de um trem que parou “indefinidamente na antepenúltima estação”. Ao questionar um funcionário sobre o ocorrido, este apenas limita-se a apontar um morro, para o qual Cariba seguiu e

---

<sup>1</sup> Relato de entrevistas feitas a Murilo Rubião presente na obra *Murilo Rubião* (1982), organizada por Jorge Schwartz para a coleção Literatura Comentada.



avistou um povoado. Dirigindo-se até o local, foi preso por questionar os moradores, pois ele era o único que fazia perguntas ali.

A narrativa inicia com elementos do mundo real e insere fatos sobrenaturais gradativamente. A organização narrativa deste conto é muito semelhante a *O convidado*, cujo personagem principal é Alferes. Alferes recebe um convite que não apresenta local ou horário da festa, nem está assinado, conduzido por um taxista, chega a um sobrado e é recebido com cordialidade pelos convidados presentes. Na festa, percebe que as pessoas esperam o grande convidado, sem conhecer a identidade do mesmo. Tenta de todas as formas fugir do local que está repleto de artificialidade, porém não tem sucesso.

As personagens dos dois contos, Cariba e Alferes, reagem de diferentes formas diante do sobrenatural. O elemento sobrenatural influencia suas aparências e atitudes. Sua caracterização não é elaborada, há ausência de traços individualizadores.

O espaço que cerca as personagens é real, denominado *fotografia* por Dimas (1987). Isso porque não possui nada de insólito, é um local que faz parte de nosso mundo usado para dar característica de veracidade ao texto, uma cidade (*A cidade*) e um sobrado (*O convidado*). Os dois contos apresentam a exposição e a complicação simultaneamente. Iniciam com elementos do mundo real e introduzem o fantástico gradativamente. Ao atingir o clímax, há a hesitação do leitor e da personagem principal, como afirma Todorov (2004).

Hoje, o escritor mineiro é considerado de fundamental importância para a literatura nacional e os críticos consideram suas obras de grande qualidade, principalmente pela forma como trabalha a linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se, em caminhos de conclusão, a intenção do presente trabalho que é de refletir, tendo apoio teórico de grandes escritores sobre o tema, a respeito dos elementos estranhos e inexplicáveis na literatura. Elementos que nasceram na literatura oral e que perpetuou na herança transmitida pelas culturas tanto ocidental quanto oriental. Elementos que chegaram à modernidade, e continuam presentes nas narrativas atuais. Cada um a seu estilo, os teóricos dissertam sobre o que caracteriza a Literatura Fantástica. Vimos como o universo fantástico é construído por cada um dos autores escolhidos para análise. Embora com mundos diferentes, Edgar Allan Poe, escritor estadunidense e um dos escritores nos quais os teóricos basearam suas análises, José Saramago, escritor contemporâneo europeu com simpatia ao realismo mágico latino-americano, Juan Rulfo, escritor mexicano que muito bem representou essa corrente, e Murilo Rubião, um dos precursores e um dos nomes mais fortes dessa corrente no país.



Independentemente da vertente teórica que se escolhe para estudá-los e analisá-los, todos eles desenvolveram obras-primas que possuem elementos que rompem com o universo cartesiano e racional tal como conhecemos. Todos eles possuem, à sua maneira, com elementos sobrenaturais, hora provocando o medo, hora provocando o riso, hora fortalecendo as personagens, hora causando perplexidade no leitor. A Literatura Fantástica, acreditamos, vem resgatar um elemento importantíssimo que talvez esteja perdido em meio a um mundo onde a razão e a ciência são mães: a fé e a crença em elementos inexplicáveis segundo as leis físicas que nos regem. Tais crenças foram as criadoras de histórias milenares que povoaram o imaginário humano durante séculos e criaram, talvez, as mais belas histórias que perpetuaram até os dias atuais.

### REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

CHIAMPI, Irlomar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo, Perspectiva:1980.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1987.

GOULART, Audemaro Taranto. **O Conto Fantástico de Murilo Rubião**. Belo Horizonte, MG: Lê, 1995.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. O conto alegórico. **Conto Brasileiro Contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981. p. 102-115.

LOPES, Tânia Mara Antonietti. **O Realismo Mágico em José Saramago**. São Paulo, Estudos Lingüísticos 37 (3): 379-386: Setembro a Dezembro de 2008.

PAES, José Paulo. As dimensões do fantástico. **Gregos e Baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POE, Edgar Allan. **Contos de Terror, de Mistério e de Morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

RULFO, Juan. **Pedro Páramo**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARTZ, Jorge. (Org.). **Murilo Rubião**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

SCHWARTZ, Jorge. **Murilo Rubião: A Poética do Uroboro**. São Paulo: Ática, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VOLOBUEF, Karin. **Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka)**. *Revista Letras*, Curitiba, n. 53, p. 109-123, jun. 2000.